

VOZ A REFLETIR: MACHADO DE ASSIS E A CRÍTICA, NO CENTENÁRIO DA MORTE

"Sou eu": comumente pronunciada por uma pessoa ao bater à porta de alguém conhecido, a frase, nesse contexto, desvela como cada eu se define por meio da voz individual percebida pelo outro. Dessa observação de Ortega y Gasset¹ decorre que as pessoas se identificam a um tempo por uma singularidade e pela dependência do olhar alheio na vida em sociedade. Daí o espectro vário de caracteres, entre o estereotipado e o inefável, de cada um, e a existência de disfarces, da ficção, de interpretações e ilusões.

Não é tão incomum ouvir-se que a palavra *pessoa* (bem como *personagem*, *personalidade*) tem etimologicamente o significado de 'máscara', do latim *persona*, que correspondia ao papel social representado pelo ator no teatro. Conheci, com Hannah Arendt, que, sendo máscara, *per-sona* é também 'através da qual soa' a voz individual.²

Eis que a mesma forma vocabular – *pessoa* – concentra, indissociáveis na origem, estes dois sentidos: papel social e voz individual. Da origem da palavra *pessoa* e de seus fins, o leitor familiarizado logo se recorda de Machado de Assis e da crítica à obra do escritor, em especial do ensaio de Alfredo Bosi, "A máscara e a fenda", de 1978,³ incluído em 1999 no livro de título igualmente sugestivo, *Machado de Assis – o enigma do olhar*.⁴ Se a análise de contos machadianos revela necessária a máscara para a sobrevivência em sociedade, não há certezas quanto a haver rosto por trás dela. E como descobrir os olhos: próprios, alheios? A imagem mesma da fenda, resgatada por Bosi dos romances *A mão e a luva* e *Dom Casmurro*, fala dos muros a separar classes

¹ Cf. ORTEGA Y GASSET, José. O perigo que é o Outro e a surpresa que é o Eu. (Capítulo VII). In: *O homem e a gente: inter-comunicação humana*. 2. ed. Nota introdutória e tradução de J. Carlos Lisboa. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1973.

² Cf. ARENDT, Hannah. O grande jogo do mundo. In: *A dignidade da política: ensaios e conferências*. 2. ed. Tradução de Helena Martins, Fernando Rodrigues, Frida Coelho e Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993; Prólogo de *Responsabilidade e julgamento*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

³ Publicado como "Situaciones machadianas", prefácio à antologia de contos de Machado editada pela *Biblioteca Ayacucho*. Cf.

http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&backPID=96&swords=bosi&tt_products=33

⁴ Cf. BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

sociais, mas também do desejo e das possibilidades de as pessoas os transporem, o que implica as suspeitas, dúvidas e enganos do caminho.

Apontando para o fechar e entreabrir de perspectivas, a imagem do título "A máscara e a fenda" parece condensar a riqueza da arte de Machado de Assis, a qual combina a representação a um tempo crítica e cética da realidade social – em que a mascarada é imprescindível – com a expressão de uma subjetividade plena, mas de vazio existencial, cujo regozijo, tragédia subterrânea, é o potencial de análise e compreensão de si e do mundo.

Nesse sentido, entrevê-se em "A máscara e a fenda" o caminho para *Brás Cubas em três versões* (2006).⁵ Em um movimento analítico-interpretativo das *Memórias póstumas* e de textos de sua fortuna crítica, Alfredo Bosi depreende como a construção do romance, por meio da figura do defunto autor e da "forma livre" inspirada em Sterne e na prosa auto-satírica, tece a representação do tipo social do rentista ocioso brasileiro junto com a expressão do misto de galhofa e melancolia de quem incansavelmente se expõe e se julga. Nesse percurso hermenêutico, Bosi deixa ver os ganhos críticos acumulados pelas diversas vertentes de leitura da obra de Machado: a formalizante, intertextual, da qual ressalta a "forma shandiana" (José Guilherme Merquior, Enylton de Sá Rego, Sergio Paulo Rouanet); a sociológica, com destaque também para o estudo biográfico de Lúcia Miguel Pereira (Astrojildo Pereira, Roberto Schwarz, Raymundo Faoro), e a existencial, moral, em que sobressaem os sentidos do "humor" machadiano e do "homem subterrâneo" (Alcides Maia, Augusto Meyer). Fundamental, conforme enfatiza o crítico, é que não há sobredeterminação de nenhuma dessas versões, congregadas em sua multiplicidade na arte do escritor. O estudo de cada uma dessas vertentes demanda o das outras: o desafio é justamente compreender a "densidade do concreto individualizado".

Assim, na medida em que seu horizonte é o perfazer constante do círculo hermenêutico, entre os vetores de *representação* das relações histórico-sociais, de *expressão* de sentimentos e pensamentos dos sujeitos e de *construção* formal em diálogo com a tradição literária, essa leitura proposta por Alfredo Bosi, tendo como centro a *escrita* de Machado, não cai em dogmatismos, não se reduz a fórmulas

⁵ Idem. *Brás Cubas em três versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

preconcebidas. Surge-me, portanto, como a base de maior lucidez e justiça para a crítica contemporânea da obra do escritor, e não só dele. Ao recolher as diversas tendências que se combinam na ambição de compreender a "densidade do olhar machadiano", contribui para entender por que, passados cem anos da morte do romancista, o desafio interpretativo persiste.

Então, parece-me que o pressuposto a mover a crítica contemporânea deve ser a significação da arte, cuja universalidade se assenta dialeticamente na atenção ao elemento local e às situações vividas pelas personagens (dimensões mimética e existencial); cuja permanência advém de uma construção capaz de criar consciência crítica e comoção estética.

Molduras e rostos

As "três versões" amalgamadas pela literatura de Machado de Assis e também a variedade de formas escritas a que ele deu voz – contos, crônicas, romances, poemas, peças de teatro, crítica – garantem a multiplicidade e a continuidade de sua fortuna crítica. Dentre outras publicações dedicadas ao centenário da morte de Machado (1839-1908), em 2008 saíram os livros de que tratarei aqui: duas coletâneas de ensaios elaborados por estudiosos da obra do escritor.

Machado de Assis – ensaios da crítica contemporânea, organizado por Márcia Lígia Guidin, Lúcia Granja e Francine Weiss Ricieri e editado pela UNESP, traz 17 artigos, além de uma "Tabela das séries de crônicas publicadas por Machado de Assis" e de uma cronologia da vida e da obra, preparada por Márcia Lígia Guidin.

Crônicas da antiga corte – literatura e memória em Machado de Assis, organizado por Marli Fantini e publicado pela Editora UFMG, apresenta sete seções, cujos títulos, expressões emprestadas da obra de Machado, reúnem ensaios com traços comuns, num total de 19 textos.

Buscar os critérios que presidiram a estruturação de *Crônicas da antiga corte* pode ser um bom caminho de aproximação com os artigos dos dois livros, face à sua diversidade. Duas seções centram-se no estudo de contos, com vistas a apreender elementos marcantes da criação machadiana. Na primeira, "A delícia íntima das

sensações supremas", Silviano Santiago partilha com o leitor o prazer estético de "A causa secreta".⁶ Desde o título, "Solidariedade do aborrecimento humano", expressão das *Memórias póstumas*, sua análise leva a pensar na terrivelmente corriqueira "troca das teclas da sensibilidade", mediante a qual, ante o sofrimento alheio, é mais comum o prazer do que a compaixão moral. "Quando se faz um conto... o conto da vida acaba, sem a gente dar por isso" é a quarta seção, que traz um estudo atento à importância de contos do início da carreira de Machado, uma análise de "Missa do galo" de pendor psicanalítico, uma leitura de "A cartomante" com vertentes sociológicas e intertextuais e um artigo a respeito de crônicas do escritor.

Duas ou três partes do livro são sobre romances. Explico-me: a segunda, "A pena da galhofa e a tinta da melancolia", detém-se nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*; a penúltima, "Orfandade às avessas", no *Memorial de Aires*; e a última abrange a análise de contos e de *Dom Casmurro* ("Verossimilhança é muita vez toda a verdade").

A poesia das *Americanas* e das *Ocidentais* e o ceticismo de algumas crônicas de Machado movem as reflexões presentes na terceira seção do volume, "Tudo chorando seria monótono, tudo rindo, cansativo".

Reunindo o maior número de artigos, a quinta seção se define pelo viés intertextual, daí seu título: "Há entre o céu e a terra mais ruas do que sonha a tua filosofia". Procura identificar diálogos de Machado com a tradição ocidental e também com escritores de um tempo posterior.

Assim, considerando as partes em que está estruturada a segunda coletânea e observando em conjunto os textos de ambas, será possível distinguir algumas tendências da crítica contemporânea sobre Machado. A seguir, esboço uma divisão dos ensaios dos dois livros conforme os gêneros e formas narrativas estudados, e também conforme os diferentes graus de atenção concedidos pelos críticos às chamadas "três versões". Note-se, a partir dos próprios títulos, como, nos artigos sobre os romances e sobre os contos, às vezes parece predominar um dos vetores da obra literária. Listo abaixo os textos,

⁶ Este ensaio, apresentado como conferência no ciclo de palestras "Machado de Assis – cinco contos comentados", no dia 22 de setembro de 2008, foi originalmente publicado, ainda no mês de setembro, em: SENNA, Marta de (Org.). *Machado de Assis – cinco contos comentados*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 171-205.

enquadrando-os nos gêneros por eles abordados e, na medida do possível, segundo a prevalência que destinam, nesta ordem, às vertentes de construção, de expressão e de representação. O leitor perceberá que sobressai o interesse pelos elementos de construção literária, provavelmente por amarrar as demais vertentes.

Ensaaios sobre romances:

- "O romanesco extravagante: sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*", Abel Barros Baptista;
- "A morte em *Memórias póstumas de Brás Cubas*",* Vera Lúcia Follain de Figueiredo;⁷
- "*Memórias póstumas de Brás Cubas*: à procura da história",* Regina Zilberman;
- "*Dom Casmurro*: simulacro & alegoria", João Adolfo Hansen;
- "Tradução, desconstrução, renovação",* Marli Fantini (sobre *Dom Casmurro*);
- "Entre o folhetim e o livro: a exposição da prática artesanal da escrita", Juracy Assmann Saraiva (sobre *Quincas Borba*);
- "A viagem de Machado de Assis a Minas e o *Quincas Borba*", Ubiratan Machado;
- "Um último romance",* Mirella Márcia Longo;
- "A tradução do Conselheiro", Marta de Senna;
- "'Eu não posso dar o que os homens chamam amor': sintoma e nome próprio na obra de Machado de Assis",* Ana Maria Clark Peres;
- "Corrosão e convenção: duas festas machadianas", Márcia Lígia Guidin (sobre *Memorial de Aires*).

Sobre contos:

- "Janjão e Maquiavel: a 'Teoria do medalhão'", Alcides Villaça;
- "Irônica invenção do mundo: uma leitura de 'O alienista'", Ivan Teixeira;

⁷ A fim de que o leitor localize os ensaios nas respectivas coletâneas, indico com um asterisco os de *Crônicas da antiga corte – literatura e memória em Machado de Assis*. Marli Fantini (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Os outros artigos estão em *Machado de Assis – ensaios da crítica contemporânea*. Márcia Lígia Guidin, Lúcia Granja, Francine Weiss Ricieri (Orgs.). São Paulo: Editora UNESP, 2008.

- "'Cantiga de esponsais' e 'Um homem célebre': estudo comparativo", Antônio Carlos Secchin;
- "Desencontro e frustração",* José Carlos Garbuglio (sobre "Cantiga de esponsais", "Um homem célebre" e também *Dom Casmurro*);
- "Solidariedade do aborrecimento humano",* Silviano Santiago (sobre "A causa secreta");
- "O jogo da serpente na 'Missa do galo'",* Audemaro Taranto Goulart;
- "'A cartomante': ciladas do conto",* Maria Augusta Fonseca;
- "Um tempo de crise no conto machadiano: os contos, as crônicas e a experiência em Machado de Assis",* Salete de Almeida Cara (Sobre "Luis Soares" e "Tempo de crise").

Sobre crônicas:

- "A reação do cético à violência: o caso Machado de Assis",* Gustavo Bernardo Krause;
- "Machado de Assis, cronista: as lentes de míope e as minimalhas da história",* Ângela Maria Dias;
- "'A sistematização do mal' – Machado de Assis, anarquismo e simbolismo", John Gledson;
- "As crônicas de Machado de Assis na *Ilustração Brasileira*", Sílvia Maria Azevedo.

Sobre crítica (de literatura, de teatro, de idéias):

- "Eça e Machado: críticas de Ultramar", Paulo Franchetti;
- "Machado, Moutinho, um poema e algumas considerações: homenagem aos cem anos da morte de Machado de Assis", Lúcia Granja;
- "'Quem deve ser brasileiro?': as opiniões de Taunay e Machado de Assis sobre a nacionalização", José Luís Jobim.

Sobre a poesia:

- "Machado de Assis e o cânone poético", Francine Fernandes Weiss Ricieri;
- "Machado de Assis e o nacionalismo: o caso das *Americanas*",* José Luís Jobim;
- "A virada machadiana nas *Ocidentais*",* Maria da Glória Bordini.

Ensaaios voltados para a intertextualidade:

- "O búfalo e o cisne: a coexistência de contrários na ficção de Machado de Assis, leitor de Shakespeare e de Dante",* Marta de Senna;
- "A emergência do paradigma inglês no romance e na crítica de Machado de Assis", Hélio de Seixas Guimarães;
- "*Tropique du conte: Machado de Assis et la tradition littéraire occidentale*",* Biagio D'Angelo;
- "Sob o signo do ciúme: Bentinho e Charles Swann", Gilberto Pinheiro Passos;
- "Debuxos, de Machado para Graciliano",* Benjamin Abdala Junior;
- "Diabolias da dialética: Machado de Assis, precursor de Guimarães Rosa",* Susana Kampff Lages;
- "*El cuento en Machado de Assis y Horacio Quiroga: una estética material?*",* Pablo Rocca.

Farda, estilhaços, estilo: machadianas traduções

Evidentemente, a divisão apresentada é tão-só um esquema de aproximação ante a variedade de textos oferecidos pelos dois livros. Intenta servir de convite e itinerário para os leitores conhecerem estudos contemporâneos sobre Machado e procederem também às suas escolhas críticas. Observe-se que as coletâneas encerram 11 artigos sobre romances, oito sobre contos, quatro sobre crônicas, três sobre crítica, três sobre poesia e sete voltados para a intertextualidade. Mas veja-se que há generalizações nesse esquema, sobretudo porque é próprio do ensaio remeter a mais de uma obra, revelando-se ideal o mergulho na especificidade de cada um, a fim de reconhecer diferentes maneiras de ler Machado, junto com estilos ensaísticos diversos.

Por exemplo, em "Desencontro e frustração", José Carlos Garbuglio faz um balanço da obra machadiana a partir de contos e também de romances (em especial, "Cantiga de esponsais", "Um homem célebre", *Dom Casmurro* e *Esau e Jacó*), analisando a um tempo as dimensões subjetivas e sociais do desencontro do homem consigo e com os outros. A partir da imagem de Satanás como marginal, referida em *Dom Casmurro*, aponta a cisão dentro das pessoas (entre o desejo, inclusive a

linguagem almejada, e a realização) e a separação entre as pessoas numa sociedade interessada em produtos lucrativos. Observa, assim, haver o escritor enfrentado os impasses da condição de intelectual e artista "periférico".

Quanto à poesia de Machado (em geral, menos estudada), nos ensaios de José Luís Jobim, Maria da Glória Bordini e Francine Fernandes Weiss Ricieri, respectivamente, o leitor conhecerá mais sobre o indianismo das *Americanas*, sobre o predomínio, em *Ocidentais*, de poemas narrativos e de traduções (De Lafontaine e de Dante) e sobre a crítica de Mário de Andrade a Machado, com a valorização do poema "Última jornada", de *Americanas*, inspirado em Dante.

Os artigos sobre crônicas atraem o olhar para elas que, além de contribuírem para o estudo dos romances, principalmente por se referirem à realidade histórica neles representada, congregam, à sua maneira, as "três versões": marcantes pela ironia, pelo humor, pelo estilo machadiano, concentram seu olhar interessado em analisar fatos da história e momentos de seu propalado pessimismo e de sua aversão a dogmas. As crônicas constituem espaço para a crítica, como se vê no artigo sobre as opiniões de Taunay e de Machado a respeito da nacionalização. E posicionamentos críticos do escritor, em especial diante de peças a ele submetidas quando censor do Conservatório Dramático Brasileiro e diante da composição de *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, também são avaliados nas coletâneas.

O empenho por compreender a construção literária abre diversos caminhos de leitura. Um deles é o estudo genético de um romance. O cotejo entre a forma definitiva do livro *Quincas Borba* (1891) e a sua versão publicada em folhetim (na revista *A Estação*, de 15 jun. 1886 a 15 set. 1891) permitiu a Juracy Assmann Saraiva acompanhar alguns passos da criação machadiana (cortes, transposições, reajustes), desvelando a consciência artística do romancista, inclusive quanto à adequação aos diferentes impressos.

Investigar a imagem literária do "êxtase" (do grego *ekstasis*, "sair, partir") e, a partir dela, indicar aspectos afetivos e histórico-sociais das relações de Tristão e Fidélia – num diálogo com a tradição artística (Beethoven, Dante e, por via de Spitzer, John Donne, San Juan de la Cruz e Richard Wagner) e com a tradição crítica sobre o *Memorial de Aires* (Antonio Candido, Alfredo Bosi, John Gledson, Gilberto Pinheiro Passos) – configuram o caminho de "Um último romance", de Mirella Márcia Longo. E

a ensaísta se detém na tradução do verso de Shelley ("*I can give not what men call love*"), a qual também moveu a interpretação de Marta de Senna, "A tradução do Conselheiro".

O olhar atento à construção de um conto, num movimento hermenêutico ciente de que a ficção combina elementos miméticos e existenciais, pode resultar em interpretações fecundas. Se a arte machadiana ensina caminhos para a crítica literária, em especial a forma do ensaio afigura-se espaço favorável para o exercício de articulação crítica entre as vertentes da obra literária.

Em sua análise da "Teoria do medalhão", Alcides Villaça depreende a complexidade inerente ao legado do pai para o filho, receita cínica, porém indispensável: erigir-se em imagem pública prestigiosa, "alma exterior" ("O espelho"), pressupõe a "eliminação da consistência interior". Conforme revela o crítico, a figura do medalhão, embora caricata em sua exterioridade, tem peso real no mundo, em que não há garantia alguma de recompensa pública para quem se esforça em busca do verdadeiro, do ético, do estético. Assim, dedicado "aos alunos de Letras", o ensaio tem um sentido de formação de leitores críticos, com o impasse de sabê-los fadados à melancolia. Ao analisar a ironia do conto, a qual age como sátira ao meio social conservador, mas inclui também a sombra trágica de quem entende a História como eterna repetição do mesmo, Alcides Villaça deixa ver um traço marcante da criação machadiana: a impossibilidade de "estabilização do sentido". Ressalta a construção ambivalente do discurso paterno, que, expressão da sabedoria e da melancolia de um malgrado, serve à representação crítica de uma sociedade em que os medalhões vencem com sua "inópia mental".

Como a ironia do conto se perfaz com a aproximação, "guardadas as proporções", entre o pai de Janjão e Maquiavel, o próprio ensaio, desde o título – "Janjão e Maquiavel: a 'Teoria do medalhão'" –, configura um sentido de tradução, apreendido por Villaça da obra do escritor.⁸ Criando situações fincadas em geral no contexto carioca do século XIX e inícios do XX, Machado estabelece um paralelo entre elas e referências ficcionais estrangeiras, de modo a provocar no leitor o olhar crítico ante a própria realidade, junto com uma reflexão relativizadora quanto a padrões locais

⁸ Cf. VILLAÇA, Alcides. Machado de Assis, tradutor de si mesmo. *Revista Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, 1998, n. 51, p. 3-14.

e universais de conduta. No caso da "Teoria do medalhão" e do ensaio de Alcides, cabe ao leitor conhecer, com o contista e seu intérprete, os mecanismos e vantagens do poder, seja do modelo do *Príncipe* ou dos medalhões brasileiros, e entrever brechas para sua "necessidade ética de escolha".

Desse modo, parece-me que buscar, por meio da forma ensaística, esse sentido de tradução pode ser um bom caminho, justamente hermenêutico, para reconhecer as "três versões". O procedimento machadiano de tradução motiva os críticos a rastrear na obra intertextualidades e seu emprego irônico – conjugação entre elementos de expressão universal e de representação da realidade brasileira.

Aqui se entende melhor a tendência de vários ensaios a se debruçarem sobre relações de intertextualidade, articuladas no intuito de compreender a "densidade do olhar machadiano". Nesse sentido, Hélio de Seixas Guimarães revela como a profusão de referências e de modelos integra a estratégia do escritor de criar ambiguidade e relativismo. Em "A emergência do paradigma inglês no romance e na crítica de Machado de Assis", observa que, ao recorrer a fontes inglesas (Swift, Fielding, Sterne, Lamb, Carlyle, Thackeray, Shakespeare), não só a francesas, o romancista desestabilizou o padrão romântico vigente em sua época, que considerava o paradigma francês como inspiração para uma cultura brasileira autônoma.⁹

Justamente a presença de Shakespeare na literatura de Machado é um dos motores do estudo de Marta de Senna. Em "O búfalo e o cisne: a coexistência de contrários na ficção de Machado de Assis, leitor de Shakespeare e de Dante", objetivando entender como o escritor brasileiro utiliza referências estrangeiras a serviço de sua própria obra, a pesquisadora partilha com o leitor o gosto pela arte do dramaturgo inglês. Por exemplo, a menção a Shylock, cuja alma exterior é associada aos ducados em "O espelho", leva Marta de Senna a recolher de *O mercador de Veneza* (1596) a ambiguidade do judeu, que, para além do estereótipo, é também "carne, sangue, dor, ódio, vulnerabilidade, vingança". E ela aponta como tal ambiguidade humana se reflete também entre o Joãozinho alferes e o narrador casmurro Jacobina no conto machadiano, cujo subtítulo é "esboço de uma nova teoria da alma humana". Assim, Marta percebe como esses criadores de literaturas desconcertantes se identificam por sua consciência

⁹ Cf. também GUIMARÃES, Hélio de Seixas. O escritor que nos lê. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo, 2008. n. 23/24, p. 273-292.

de que o conhecimento de si e do outro, da realidade, é precário, daí a recorrente figuração das ambivalências humanas.

Além de compartilhar com o leitor seu conhecimento de várias referências a Shakespeare presentes na obra de Machado, Marta de Senna se detém em menções a Dante. Em especial, retoma o verso do canto V do *Inferno* ("*Dico che quando l'anima mal nata...*") e analisa como o romancista de *Esauí e Jacó* desloca o seu sentido para caracterizar não só a formação psicológica, mas também social dos gêmeos rivais, "almas mal nascidas". Nesse passo, em que percebe ampliar-se o significado da psicologia dos gêmeos para a sociedade dominante brasileira, "alma mal nascida", retoma a leitura sociológica de Roberto Schwarz. Por conseguinte, Marta logra mostrar a articulação da vertente intertextual com as dimensões existencial e mimética da obra machadiana, estendendo ao leitor o encanto sempre renovado da leitura dos clássicos. Seu ensaio sinaliza conjuntamente a força do escritor e o potencial da crítica contemporânea, capaz de partilhar, com conhecimento e empenho analítico-interpretativo, o gosto pela arte literária: de Shakespeare, de Dante, de Machado de Assis. E também Tchêkhov, Proust, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Horacio Quiroga comparecem nos artigos voltados para a intertextualidade.

Dessa forma, sob máscaras soa, esgarçada, múltipla e única, a voz de Machado, consciência ante o mundo, aguda, a se escutar. A crítica busca apreendê-la, configurando, a um tempo pleno de sentido e insuficiente, o eco das palavras do escritor. Se procurei aqui "compendiar" alguns críticos contemporâneos, evoco o "Esquema de Machado de Assis", de Antonio Candido,¹⁰ com o propósito de sugerir aos leitores que conheçam cada um dos ensaios das duas coletâneas e, de posse de tal bagagem crítica, voltem para os livros de Machado, princípio do movimento hermenêutico sem fim.

Ieda Lebensztayn
Universidade de São Paulo

¹⁰ Cf. CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. rev. e amp. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

São Paulo, Brasil

Ieda Lebensztayn é doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, tendo defendido em 2009 a tese *Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis*.